

Volume 9, n.2 ago./dez. 2025
ISSN: 2594-3707



Recebido em: 10/12/25
Aprovado em: 05/04/26
Publicado em: 04/04/26
e-Location: e-578

Editor:
Cristiano das Neves Bodart



ENTREVISTA

HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO BRASIL: A práxis e a imaginação sociológica no atelier de Marcelo Cigales

HISTORY OF THE SOCIAL SCIENCES AND THE TEACHING OF SOCIOLOGY IN BRAZIL: Praxis and Sociological Imagination in Marcelo Cigales's Atelier

Fagno da Silva Soares

Professor do Instituto Federal do Maranhão – IFMA

<https://orcid.org/0000-0002-0829-300X>

E-mail: fagno@ifma.edu.br

Jefferson Rodrigues de Oliveira

Pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

<https://orcid.org/0000-0003-2197-0156>

E-mail: jeffersongeouerj@yahoo.com.br

Resumo

Entrevista realizada em 02 de maio de 2025, com o sociólogo Marcelo Pinheiro Cigales, professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL/UnB). Sociólogo brasileiro especialista nos estudos em História das Ciências Sociais e Ensino de Sociologia no Brasil. É autor de importantes artigos e capítulos de livros no campo do Ensino de Sociologia. Editor-chefe da *Sociological Teaching Journal*, periódico vinculado a *International Sociological Association* (ISA). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez, tendo atuado como membro da Diretoria Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS 2022-2024 e 2024-2026). Durante a entrevista, o pesquisador narrou sua trajetória pessoal e acadêmico-profissional de como o Ensino de Sociologia o alcançou. Compartilhou suas vivências e memórias durante o período que atuou como professor-visitante nas universidades de Buenos Aires (Argentina) e Autônoma de Barcelona (Espanha). Realizou reflexões acerca da historicidade das Ciências Sociais e das intermitências e desafios da Sociologia na Educação Básica Brasileira e qual tem sido o espaço dos/as sociológicos/as e instituições como Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) e da Federação Nacional dos Sociólogos (FNS) nesse processo. Por fim, abordou acerca dos horizontes de perspectiva do Ensino de Sociologia no Brasil.

Palavras-chaves: Ciências Sociais. Ensino de Sociologia. Imaginação Sociológica.

Abstract

Interview conducted on May 2, 2025, with sociologist Marcelo Pinheiro Cigales, Associate Professor in the Department of Sociology at the University of Brasília (UnB) and Vice-Coordinator of the Graduate Program in Sociology (PPGSOL/UnB). A Brazilian sociologist specializing in the History of the Social Sciences and the Teaching of Sociology in Brazil, he is the author of important articles and book chapters in the field of Sociology Teaching. He is Editor-in-Chief of the *Sociological Teaching Journal*, a periodical affiliated with the International Sociological Association (ISA). He leads the research group Laboratory for the Teaching of Sociology Lélia Gonzalez and has served as a member of the National Board of the Brazilian Association for the Teaching of Social Sciences (ABECS 2022–2024 and 2024–2026). During the interview, the researcher narrated his personal and academic-professional trajectory, explaining how the Teaching of Sociology became central to his path. He shared experiences and memories from his time as a visiting professor at the University of Buenos Aires (Argentina) and the Autonomous University of Barcelona (Spain). He also reflected on the historicity of the Social Sciences, as well as the discontinuities and challenges faced by Sociology in Brazilian Basic Education, and discussed the role of sociologists and institutions such as the Brazilian Sociological Society (SBS), the National Association of Graduate Studies and Research in Social Sciences (ANPOCS), and the National Federation of Sociologists (FNS) in this process. Finally, he addressed the future prospects for the Teaching of Sociology in Brazil.

Keywords: Social Sciences; Teaching of Sociology; Sociological Imagination.

Marcelo Pinheiro Cigales, professor adjunto do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB), cuja produção sociológica é referência obrigatória aos estudos e reflexões em História das Ciências Sociais e Ensino de Sociologia no Brasil com forte ressonância entre o público acadêmico brasileiro, contribuindo no avanço do conjunto da produção sociológica do tema. Graduado em Ciências Sociais e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPE, 2014), tendo realizado Mobilidade Acadêmica Internacional na Universidade de Coimbra (Portugal, 2010). Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2019) com a tese *A Sociologia Católica no Brasil: análise sobre os manuais escolares (1920-1940)*, com estágio no Centro de Pesquisa Manuais Escolares (MANES) da Universidad Nacional de Educación a Distancia (MANES-UNED/Espanha). Realizou dois estágios de pós-doutoramento respectivamente no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política e no Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2019-2021, 2024-2025). Atua como Editor-chefe da *Sociological Teaching Journal*, periódico vinculado a *International Sociological Association* (ISA). Participa do Conselho Editorial de importantes periódicos nacionais na área de Sociologia e áreas afins, como os Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS) e a Revista Café com Sociologia, além de atuar como assessor *ad hoc*. Em 2023 foi agraciado com a Menção Honrosa no 2º Prêmio ANPOCS de Extensão Universitária com o Projeto “Diálogos com o Laboratório Lélia Gonzalez: as relações étnico-raciais e o ensino de Sociologia na Educação Básica”. Também recebeu Menção Honrosa no II Prêmio de Direitos Humanos Anísio Teixeira com o “Projeto de Extensão do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez” outorgada pela Câmara dos Direitos Humanos da Universidade de Brasília (UnB). Foi professor visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA, Argentina) e na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB, Espanha). É líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de

Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez e integra a Diretoria Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS, 2022-2024 e 2024-2026). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL/UnB). Orientou 4 estágios de pós-doutoramento na Universidade de Brasília (UnB). Esteve em bancas de exames de qualificação e defesas de teses e dissertações, além da participação em outras comissões julgadoras como bancas de concurso público. Em sua produção acadêmica, já publicou vários artigos científicos em importantes periódicos da área e capítulos de livros em obras acadêmicas e coletâneas. Em sua produção acadêmico-intelectual destacam-se os seguintes livros de sua autoria, a saber: *O Ensino de Ciências Sociais em Perspectiva Internacional* (2025), *As Licenciaturas na Universidade de Brasília: avanços, desafios e perspectivas* (2023), *Temáticas do ensino de Sociologia na escola brasileira* (2022), *Conquistas e resistências do ensino de Sociologia: ENESEB 2019* (2021) e dentre outros. Suas obras têm sido seminais aos pesquisadores brasileiros interessados em refletir acerca de História das Ciências Sociais e Ensino de Sociologia no Brasil.

Fagno da Silva Soares & Jefferson Rodrigues de Oliveira: *Boa noite, prezado professor Marcelo Cigales. Agradecemos a disponibilidade e o modo tão solícito e gentil, que de pronto se dispôs para esta entrevista conosco, e, por conseguinte, registramos nossa satisfação em realizá-la. Tomaremos como mote inicial desta nossa interlocução, a sua trajetória pessoal, ou seja, sua história de vida para compreender a profissional, entendemos que para compreender o sociólogo Marcelo Cigales, antes de tudo, devemos pensar sobre sua trajetória pessoal. Sabemos que, de modo geral, a história acadêmica está diretamente articulada a história de vida. Assim, desejamos iniciar em sucintos relatos, ouvindo um pouco de sua história de vida desde a infância, suas primeiras leituras e interesses, e como a sociologia o encontrou. E, afinal, quem é Marcelo Cigales?*

Marcelo Cigales: Sim, é uma pergunta bastante ampla, mas vou tentar tocar em alguns pontos que considero interessantes nessa trajetória, principalmente na trajetória educacional. Eu acho que fazemos parte de uma geração marcada pela Constituição de 1988, pela redemocratização do Brasil e, conseqüentemente, pela implementação de uma série de políticas públicas que impactam diretamente nossas biografias e ampliam as possibilidades objetivas de ingresso em determinados espaços.

Nesse sentido, considero que a LDB de 1996 foi um marco na educação brasileira, pois passou a obrigar os estados a oferecerem educação para toda uma faixa etária. A partir dela, a educação se tornou obrigatória dos 4 aos 17 anos e, além disso, o Estado assumiu a responsabilidade de garantir o acesso à escola pública e gratuita.

Eu venho de uma região do interior do Rio Grande do Sul. Meus avós e meus pais nasceram, viveram e trabalharam no campo, em uma zona rural chamada Boqueirão, no município de Canguçu. Minha família tem origem agrária, de pequenos produtores que organizavam o ciclo da vida em torno do trabalho agropecuário, uma realidade muito comum no Brasil, marcada pelo campesinato e por suas particularidades. A vida girava em torno dos ciclos da terra: plantação de milho, feijão e outros alimentos que,

por sua vez, sustentavam a criação de galinhas, porcos, ovelhas e gado. Era uma dinâmica de subsistência e de vínculo muito forte com a terra, que moldava o desenvolvimento social, cultural e econômico da comunidade.

Meus pais e avós não tiveram acesso a essa escola pública obrigatória. Eles estudaram em escolas rudimentares que ofereciam apenas os primeiros anos escolares (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental). Assim, aprenderam a ler e escrever, mas não tiveram oportunidade de continuar os estudos. Acredito que esse desenvolvimento tardio das escolas no campo tenha muita conexão com a ausência de décadas de políticas públicas perdidas durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).

Diferente da trajetória deles, a minha se beneficiou da LDB de 1996. Eu me alfabetizei em uma escola multisseriada, com cerca de 12 estudantes filhos de famílias rurais da região. Lembro que, quando eu estava na 3ª série do ensino fundamental, essas pequenas escolas foram fechadas para dar lugar a uma escola maior, que reunia estudantes de toda a região. A partir de então, os alunos passaram a ter transporte escolar oferecido pela Prefeitura, e professores eram deslocados da cidade para lecionar. Foi nessa escola que concluí o ensino fundamental. Já no ensino médio, ainda não havia estrutura nas escolas rurais para atender esse nível de ensino, e eu precisei migrar para a cidade.

Aos 15 anos, saí da casa dos meus pais para viver em um colégio agrícola. Então, é interessante pensar que o estado do Rio Grande do Sul oferece algumas escolas técnicas que integram o ensino médio com cursos técnicos. No meu caso, cursei o ensino médio junto com o curso técnico agrícola. Para isso, precisei morar na escola, que funcionava em regime de internato. Esse sistema recebe filhos de pequenos agricultores que não tinham como residir na cidade, oferecendo alojamento supervisionado pela própria escola, além de alimentação completa.

A vida no internato exigia organização e disciplina. Cerca de 70 a 80 jovens viviam no prédio da escola, sob a supervisão de funcionários que acompanhavam o cotidiano. Havia regras claras, inclusive de separação entre meninos e meninas, e monitoramento constante necessário por se tratar de adolescentes vivendo juntos. Muitos vinham de contextos rurais e precisavam aprender a lidar com novas rotinas, responsabilidades e regras de convivência. Esse ambiente, por mais rígido que fosse, foi fundamental para despertar e fortalecer o interesse pelos estudos, evitando que a experiência se desviasse para outros caminhos.

Meus pais e avós não chegaram a concluir a escolaridade básica, então não tive em casa a referência do que significava cursar o ensino médio, nem o incentivo à leitura ou ao estudo sistemático. Foi no internato que aprendi o valor dessas práticas escolares e acadêmicas, o que considero fundamental para minha trajetória. Ao concluir o ensino médio, eu já tinha a convicção de que não voltaria para a vida no campo; queria continuar estudando.

Na época do vestibular, pensei inicialmente nos cursos mais conhecidos e concorridos, como medicina ou direito. Mas logo percebi que seria difícil ingressar nessas áreas. Curiosamente, não tive Sociologia no ensino médio, já que a disciplina ainda não era obrigatória em âmbito nacional, e, naquela escola, não estava no currículo diferente

de filosofia, história ou geografia. Foi então que um dos supervisores do internato, que cursava Ciências Sociais na Universidade Federal de Pelotas, me disse: “Acho que você tem perfil para Ciências Sociais. Vai gostar especialmente de antropologia.” Perguntei se era muito concorrido, e ele respondeu que não, que a média era de cinco ou seis candidatos por vaga. Resolvi tentar. Fiz o vestibular para Ciências Sociais, e lembro bem: eram 30 vagas, e eu fiquei em 29º lugar entre os aprovados.

***FSS & JRO:** Professor Marcelo Cigales, fale-nos um pouco das influências teóricas que sofreu durante a sua graduação em Ciências Sociais. Quais correntes sociológicas dominavam a cena acadêmica e como isso o afetou profissionalmente? E conte-nos como foi o mestrado em Educação e o doutorado em Sociologia Política, respectivamente na UFPEL e UFSC, e seu ingresso na carreira universitária. Neste sentido, quais sociólogos/as exerce[ra]m importante papel na sua formação inicial e continuada como sociólogo?*

Marcelo Cigales: Acredito que na minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) houve uma concentração nos autores como Marx e Durkheim. No mestrado em Educação, concluído também na UFPEL, eu me aproximei mais de outros autores da História da Educação e da Nova Sociologia da Educação (NSE), principalmente na vertente da História das Disciplinas Escolares (HDE) como André Chervel e Vinão Fraga, assim como Roger Chartier e Pierre Bourdieu.

Já no Doutorado em Sociologia Política realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) eu entrei em contato mais com a Teoria Sociológica Clássica, principalmente nos estudos de Max Weber e na Teoria Sociológica Contemporânea com Pierre Bourdieu, e também vários outros autores como Norbert Elias, Charles W. Mills, Margareth Archer, Walter Mignolo, entre outros. Acho que de fato tive uma formação bastante consolidada em termos de teoria sociológica, lembro das aulas de Carlos Eduardo Sell sobre Weber e de Amurabi Oliveira sobre Pierre Bourdieu, durante o doutorado. Foram disciplinas muito relevantes para ler com calma aquilo que é mais hegemônico na Teoria Sociológica Clássica e Contemporânea.

Analisando mais de perto, acho que minha formação tanto no mestrado quanto no doutorado acabou tendo uma guinada forte para os estudos de Pierre Bourdieu. Ou seja, a questão de como a Sociologia se legitima enquanto conhecimento escolar, quem são os agentes envolvidos nesse processo e como se estrutura o campo educacional brasileiro.

Na minha tese de doutorado, por exemplo, analisei a presença da Sociologia de matriz católica nas escolas, justamente no momento em que a disciplina se tornou obrigatória no ensino secundário. Busquei compreender quem eram os agentes que legitimavam essa vertente, como ela se consolidava institucionalmente e de que forma entrava em disputa com outras concepções de Sociologia, defendidas por intelectuais não vinculados ao pensamento católico.

Bourdieu foi relevante para pensar essas disputas dentro dos espaços sociais. Ele me ajudou a identificar quem eram os agentes, quais eram as lutas pela legitimidade do

discurso social e como o campo social se organiza. Questões que considero centrais, e que a teoria dos campos sociais de Bourdieu nos permite visualizar de forma clara.

Por outro lado, eu nunca deixei de analisar também, nem deixei de fora, as perspectivas pedagógicas. Porque, se por um lado, Bourdieu nos ajuda a pensar os problemas de pesquisa, por outro, alguns teóricos da educação nos ajudam a refletir sobre nossa pedagogia, sobre nossa prática profissional. Como construímos a pedagogia da Sociologia? Como construímos nossas práticas docentes nas Ciências Sociais? Quais referências teóricas embasam nossa prática, nossa identidade enquanto professores e professoras de Sociologia na escola ou na universidade?

Sem dúvida, Paulo Freire é uma referência muito importante dentro das práticas profissionais docentes no Brasil. Acho também que os estudos de Dermeval Saviani nos ajudam a pensar a História da Educação e também da proposição de uma Pedagogia Histórico-Crítica. Esses autores marcaram bastante a minha trajetória formativa. Na minha trajetória profissional, de maneira mais relevante, acho que venho me reconstruindo em termos teóricos. É importante destacar que a UnB possui mais de 20 anos de políticas de cotas raciais e sociais, o que torna a universidade muito mais plural e também distinta daquelas instituições que obtive minha formação intelectual.

Como exemplo disso, temos um laboratório de ensino de Sociologia com o nome de Lélia González. Entrei em um espaço em que os estudantes reivindicam mais pluralidade teórica, para além dos já conhecidos sociólogos do norte global. Entrei em uma universidade muito mais plural, não apenas do ponto de vista racial, mas também epistemológico, que busca compreender o mundo e se formar enquanto profissional de Ciências Sociais, enquanto professor ou professora.

Hoje, consigo olhar para minha trajetória de forma crítica e pensar: “como eu não li Lélia González na graduação ou na pós-graduação? Como eu nunca tinha ouvido falar, por exemplo, de Harriet Martineau, de W.E.B. Du Bois, ou de outros autores e autoras, inclusive contemporâneos, fundamentais para compreender o Brasil?” Esses autores são essenciais para desenvolver uma sociologia mais diversa e que possa melhorar nossas perguntas de pesquisa.

Nesse sentido, os teóricos negros e indígenas são muito originais na produção de uma sociologia que pense o Brasil e a América Latina a partir de suas próprias experiências, contribuindo para romper com uma Sociologia enlatada como diria Guerreiro Ramos, ou como diria Ulrich Beck: com os conceitos zumbis, criados no século XIX no contexto Europeu, a partir das experiências sociais muito diversa daquelas que nos atravessam de forma histórica e cultural. Nesse sentido, penso na originalidade de Florestan Fernandes de Lélia Gonzalez, e mais recentemente de vários outros autores Indígenas e Quilombolas, como Nego Bispo e Gersem Baniwa.

Sobre os rumos da pesquisa. Eu acho que no mestrado e doutorado estava mais interessado na história do ensino da sociologia no Brasil. Quando ingressei no Departamento de Sociologia da UnB meu foco passou a ser olhar para as práticas profissionais. Busco compreender como as identidades docentes em sociologia se constroem diante de vários desafios nos últimos anos como a Pandemia e a Reforma do Ensino Médio. Hoje no Laboratório de ensino de Sociologia Lélia Gonzalez, queremos

entender como os professores se formam, como constroem suas identidades profissionais e quais dilemas enfrentam na escola. Para isso, realizamos uma série de pesquisas com entrevistas e questionários aplicados a professores de todo o Brasil, considerando as diferenças de raça, gênero, idade, origem social e região.

Temos nos perguntado: serão as dificuldades docentes iguais para todos os grupos? Ou são maiores para pessoas atravessadas pelo racismo e pelo sexismo? Quais as dificuldades docentes em Sociologia quando colocamos os marcadores de raça, gênero, origem social, região, etc? Mas não se trata apenas de analisar desafios, buscamos também compreender a satisfação profissional. Quando o professor ou a professora de Sociologia se sente realizado no exercício da profissão? Essas respostas ainda são escassas, mas são fundamentais para aprimorar os cursos de formação de professores. Nosso objetivo é atualizar os programas, trazendo vozes mais plurais e contemporâneas, para que possamos pensar uma formação mais alinhada com a realidade das escolas.

E por fim, acho que continua inovador o fato da gente não deixar de fora, na história das ciências sociais brasileiras, à escola, porque é a escola que inaugura a Sociologia no Brasil.

FSS & JRO: *Em sua tese de doutoramento defendida em 2019, sob orientação do Prof. Amurabi Pereira de Oliveira, com o título “A Sociologia Católica no Brasil: análise sobre os manuais escolares (1920-1940)”¹ você trabalhou com a sociologia relacional de Pierre Bourdieu na compreensão da sociologia católica no Brasil entre os anos de 1920 e 1940 a partir da análise de livros e manuais escolares. Nesse sentido, rememorando sua tese de doutoramento o que continua ainda inovador em sua proposição doutoral acerca da introdução do ensino de sociologia nos níveis secundário, normal e superior nas primeiras décadas da República no Brasil?*

Marcelo Cigales: A pesquisa de doutorado tem origem no mestrado, quando investiguei a história do ensino da Sociologia no Brasil a partir de seus marcos legais e da análise de documentos preservados em arquivos escolares. A dissertação concentrou-se no Colégio São José de Pelotas, instituição confessional católica centenária, cujo acervo documental possibilitou identificar práticas e registros do ensino da disciplina, além de reunir uma série de manuais escolares de Sociologia.

No doutorado, o foco desloca-se para esses manuais como fontes centrais de análise. Eles oferecem não apenas conteúdos didáticos, mas também elementos paratextuais (prefácios, dedicatórias, agradecimentos, orelhas, número de edições), que permitem reconstruir redes intelectuais e identificar formas de capital social mobilizadas por seus autores.

A pesquisa busca compreender, em especial, a concepção de Sociologia defendida pelos intelectuais católicos entre as décadas de 1920 e 1940. Para isso, organiza-se em quatro eixos de análise: definição de sociologia nos manuais católicos e suas diferenças

¹ CIGALES, Marcelo. **A Sociologia Católica no Brasil: análise sobre os manuais escolares (1920-1940)**. 2019. Tese. [Doutorado em Sociologia Política]. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

em relação a concepções não confessionais; principais temas abordados nos livros; relações de oposição: teorias e autores criticados; projeto de sociedade prescrito nos manuais. Do cruzamento dessas análises emerge uma lógica argumentativa recorrente: os manuais católicos de sociologia explicam o mundo a partir de seus referenciais, combatem concepções divergentes e, ao mesmo tempo, prescrevem um modelo de sociedade alinhado à visão católica.

A tese investiga o ensino da sociologia no Brasil a partir dos manuais católicos produzidos entre as décadas de 1920 e 1940, analisando-os como fontes privilegiadas para compreender redes intelectuais, concepções pedagógicas e projetos sociais em disputa. O estudo evidencia que esses manuais não se limitavam ao ensino, mas configuravam uma sociologia de caráter explicativo, combativo e prescritivo, que buscava fundamentar um projeto de sociedade cristã. Entre os temas recorrentes estão família, religião, Estado, feminismo, trabalho e movimentos sociais, sempre interpretados à luz do cristianismo.

Nesse processo, os autores católicos confrontavam teorias clássicas, como a moral social de Durkheim e a concepção materialista da história em Marx, defendendo, em contrapartida, a ideia de que moral, classes e hierarquias são de origem divina e imutável. Ao recuperar esse debate, a pesquisa amplia a história da sociologia no Brasil para além da narrativa tradicional centrada na institucionalização universitária a partir da década de 1930, revelando a importância das escolas confessionais e dos intelectuais católicos na constituição de concepções sociológicas e no projeto político de recristianização da sociedade.

A pesquisa demonstra que a sociologia de matriz católica, embora fundamental na consolidação das disputas intelectuais do início do século XX, não encontrou espaço para se desenvolver no campo acadêmico brasileiro. Utilizando categorias bourdieusianas, a análise indica que, ao assumir respostas definitivas sobre moral, hierarquia e sociedade, essa vertente se afastava das “regras do jogo” científico, baseado em perguntas, dúvidas e pesquisa sistemática. Sua marginalização foi intensificada com a retirada da obrigatoriedade da sociologia escolar nos anos 1940, o que a relegou a um lugar periférico na memória das ciências sociais. Contudo, os manuais e projetos católicos revelam um capítulo instigante e comparável a experiências de outros países (França, Estados Unidos, Argentina), nos quais a Igreja buscou construir uma sociologia que confirmasse e legitimasse os preceitos da fé diante do avanço de interpretações seculares da sociedade. Nesse sentido, a tese contribui para ampliar o entendimento da história da sociologia no Brasil, situando a produção católica como parte constitutiva e disputada do campo, ainda que posteriormente silenciada pela narrativa dominante da institucionalização universitária.

Hoje, meus estudantes, por exemplo, são quase todos da periferia do Distrito Federal. O que eles buscam, quando se aproximam das ciências sociais é sobretudo uma profissão, algo que lhes permita, ao sair da universidade, ingressar no mercado de trabalho. Acho que vivemos uma certa crise porque ainda não oferecemos uma formação suficientemente prática e técnica, apesar dos avanços tecnológicos significativos das últimas décadas. Hoje, por exemplo, não é mais um “bicho de sete cabeças” aprender a

trabalhar com softwares para análise de dados, nem montar ou criar uma amostra estatisticamente significativa, aplicar um questionário ou organizar um recorte que permita compreender questões de interesse coletivo questões que, muitas vezes, o poder público, seja legislativo ou executivo, precisa para desenvolver e implementar políticas públicas mais efetivas.

Vejo que temos muito potencial especialmente em termos de mercado de trabalho, mas existe uma predisposição histórica de nos concentrarmos na teoria, em leituras de clássicos alemães, franceses, estadunidenses ou mesmo brasileiros, sem chegar à fase mais aplicada e técnica da pesquisa social. Acredito que enfrentamos uma crise de identidade e precisamos, de fato, nos reformular: aprender a lidar com esses mecanismos da pesquisa social, que estão cada vez mais acessíveis. Hoje, inclusive, com o uso da inteligência artificial, podemos aprimorar problemas de pesquisa, melhorar nossas ferramentas de coleta de dados e explorar um universo de possibilidades que antes parecia distante. Acho que nossos cursos funcionam quase como um propedêutico, preparando o estudante para o mestrado e, depois, para o doutorado. A formação em Ciências Sociais no Brasil poderia ter um aspecto mais técnico, sem que isso prejudique ou contrarie a formação teórica, não se trata disso. É importante considerar que existem demandas objetivas: as pessoas precisam sair da universidade e conseguir um emprego. E, de fato, o curso deveria ser melhor preparado para isso, ao relacionar teoria e prática tanto na licenciatura quanto no bacharelado.

***FSS & JRO:** Há um conjunto interessante de pesquisas sob sua orientação em curso² no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB), importante centro nacional na produção do conhecimento sociológico no Brasil. Nesse sentido, conte-nos um pouco de como tem avaliado as mudanças, permanências, rupturas e continuidades da Sociologia no Brasil, sobretudo, nas últimas décadas, cujo ecletismo metodológico e a categorias analíticas tensionam o fazer sociológico delineando outras abordagens possíveis.*

Marcelo Cigales: E eu tive uma formação bastante erudita, muito centrada nos teóricos, nos conceitos. Acho que nunca houve um foco maior na parte mais técnica. Quando olhamos para a licenciatura, faço a mesma crítica: ainda oferecemos uma formação aquém do que poderíamos. A maioria dos estudantes sai com uma bagagem teórica, às vezes pedagógica, que poderia ser suficiente para desenvolver a prática profissional, mas não têm tempo de exercitá-la de fato. Não têm tempo de experimentar, de errar e, sobretudo, de aprender com os erros. A escola acaba se tornando esse grande laboratório, porque é lá que a pessoa aprende errando. E quem sai prejudicado com isso

² Pesquisas em curso sob orientação do Prof. Marcelo Cigales no Mestrado em Profissional em Sociologia//UnB, a saber: *A institucionalização do curso de Ciências Sociais na Universidade de Brasília* por Beatriz Amorim, *Dificuldades docentes em Sociologia com as temáticas de gênero e sexualidade na escola* por Tatiane Rocha Vieira, *As disputas pela legitimação do ensino técnico no Brasil a partir da Reforma do Ensino Médio* por Tarsila Amora Sanches, *A Sociologia da educação e os transtornos psicotecnológicos no processo de ensino e aprendizagens de estudantes do Ensino Médio* por Jussara Cristina Gusmão Ribeiro. Soma-se ainda, a pesquisa de doutoramento em curso sob a sua orientação com o título *Institucionalização e profissionalização da Sociologia na Universidade de Brasília* por Fernanda Menezes Raposo.

são os estudantes, que acabam enfrentando anos de dificuldades e, às vezes, desistem, pensando: “isso aqui não é para mim”. É um grande desperdício de tempo, de recursos e de potencialidades. A partir dessa crítica, o que temos buscado fazer? Nos trabalhos que oriento, tanto na graduação quanto na pós-graduação, tenho procurado estimular pesquisas na área que dialoga diretamente com o ensino da Sociologia, principalmente dentro de duas linhas: uma, a história das ciências sociais, e a outra, a prática profissional docente.

Na área da educação, neste ano, foi defendida uma tese de doutorado de uma orientanda que investigou a representação de crianças com TDAH na escola. Ela queria compreender como crianças de 7 a 10 anos, diagnosticadas com TDAH e medicalizadas, se auto-representavam e como se relacionavam com outros estudantes não diagnosticados. Foi uma pesquisa muito interessante. O estudo começou com uma análise documental sobre o crescimento da medicalização infantil em relação ao TDAH, observando o aumento exponencial da circulação de medicamentos que antes eram pouco utilizados no Brasil, assim como o crescimento do diagnóstico desses transtornos. A pesquisa também abordou o déficit de atenção. Em seguida, a orientanda foi para a escola e entrevistou pais, professores e os próprios estudantes. Ela sempre enfatiza que “não faz pesquisa sobre as crianças, faz pesquisa com as crianças”. Adotou uma metodologia muito interessante, analisando desenhos das crianças, entrevistas e as representações presentes na escola. O resultado foi bastante significativo, e gostei muito de acompanhar, especialmente porque ela passou a ser orientada por mim e logo já iniciou a pesquisa de campo e a qualificação. Foi um trabalho longo, mas que produziu resultados muito relevantes.

Em 2025 foram concluídas três dissertações de mestrado em Sociologia. Uma delas investigou o uso dos livros didáticos de Ciências Humanas do PNLD 2021 em escolas do Distrito Federal e incluiu aplicação de questionários, observação escolar e entrevistas com professores, para compreender como eles utilizavam os livros didáticos. Esse é um *gap* de pesquisa na área de Ciências Sociais: há muitas análises de conteúdo dos livros, mas poucas investigações sobre como os professores efetivamente os utilizam.

Outra pesquisa abordou a história da Sociologia, analisando manuais didáticos em diferentes períodos históricos: um da década de 1940, um da década de 1980, um do PNLD (2012) e um do PNLD (2018). O objetivo era observar se as temáticas eram semelhantes, como esses livros dialogavam com os estudantes e que propostas pedagógicas eles continham. A análise utilizou conceitos de Norbert Elias, especialmente o de sociogênese, enquanto a pesquisa sobre o livro didático mobilizou o conceito de recontextualização pedagógica de Basil Bernstein, sociólogo da educação britânico.

A terceira dissertação de mestrado se apoiou nos dados coletados pelo nosso laboratório: entre 2021 e 2024, aplicamos um questionário respondido por 185 professores que atuavam no ensino de Sociologia. Em 2023 e 2024, realizamos entrevistas com 52 desses docentes, resultando em quase 1.700 páginas de transcrições. O estudante de mestrado concentrou sua análise no primeiro grupo, que incluía professoras negras, pois dividimos os participantes em quatro grupos: professoras

negras, professores negros, professoras brancas e professores brancos. A dissertação analisou, principalmente, uma seção do questionário voltada para como essas professoras trabalhavam as questões étnico-raciais na escola. Os resultados foram muito relevantes, pois essa pesquisa talvez represente a primeira investigação sistemática sobre a trajetória formativa, os desafios docentes e as agências de professoras negras no ensino da Sociologia atualmente. O estudo mobiliza referências do pensamento feminista negro, incluindo Patrícia Hill Collins e Lélia González, proporcionando uma contribuição significativa para o campo.

Falo para os meus orientandos que eles têm liberdade teórica. Claro que, às vezes, eu indico algum autor que considero interessante, e isso também se torna uma oportunidade para eu aprender junto com eles. Mas, em linhas gerais, eles têm liberdade para propor referenciais teóricos e metodologias que se adequem melhor a seus objetos de pesquisa.

O que eu exijo é rigor científico: o trabalho precisa apresentar um bom problema de pesquisa, uma justificativa consistente, e um sólido conhecimento da literatura sobre o tema. Além disso, deve contar com um referencial teórico capaz de responder ao problema ou contribuir para a compreensão do mesmo, e com dados empíricos coletados de forma compreensível e adequada à comunidade acadêmica. Em termos práticos, os requisitos são os de um bom projeto de pesquisa, mas com liberdade para que cada estudante proponha o caminho que deseja seguir. No momento, estou orientando dez trabalhos de TCC e cinco dissertações de mestrado e uma tese, e esse modelo tem funcionado bem.

Atualmente, eu tenho um total de 16 orientandos. Dentre meus orientandos, há um grupo com preferência pela pesquisa sobre a história do ensino da sociologia. Por exemplo, uma orientanda de TCC está estudando a história do ensino da sociologia no Distrito Federal. Ela analisou todos os programas de currículo da Secretaria e entrevistou diversos professores que estiveram na construção desse currículo. É um trabalho de conclusão de curso muito interessante, pois examina a história recente do ensino da sociologia no Distrito Federal desde o início dos anos 2000 até os dias atuais, utilizando histórias das disciplinas escolares, um referencial que eu já explorei em minha dissertação de mestrado.

Ela também se apoia em autores internacionais da Nova Sociologia da Educação, como André Chervel, Agustín Escolano Benito e Raimundo Cuesta, franceses e espanhóis que trabalham especificamente com a linha de pesquisa sobre a História das Disciplinas Escolares. Outra orientanda está desenvolvendo uma pesquisa sobre o estado da arte de teses e dissertações sobre a história da sociologia na Argentina e no Brasil. O objetivo é fazer um levantamento comparativo, analisando o que foi pesquisado no Brasil em pós-graduação sobre essa temática e como a Argentina também abordou o assunto.

Já reunimos uma série de dados que deverão resultar em um trabalho muito interessante, permitindo compreender como outros países também estão pesquisando, a nível de pós-graduação, a história do ensino da sociologia. Temos uma doutoranda que está desenvolvendo uma pesquisa histórica sobre a própria linha de pesquisa em

educação no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB, que já conta com mais de 50 anos de existência. A pesquisa dela vai analisar documentos históricos e entrevistas, permitindo compreender como a atuação do PPGSol influenciou a criação da licenciatura em Ciências Sociais.

No Programa de Pós-Graduação da UnB, já nos anos 1980, havia figuras muito importantes discutindo educação e atuando diretamente na formação de professores, especialmente no Departamento de Sociologia. Entre elas, destacam-se Carlos Benedito Martins, Maria Francisca Coelho e Fernanda Sobral, todas referências no campo da sociologia da educação e responsáveis pelos estágios na época. É interessante notar a força do programa de pós-graduação da UnB: ele acabou organizando a própria graduação, e não o contrário. Enquanto, na maioria das instituições, a graduação surge antes da pós-graduação, na UnB foi o Programa de Pós-graduação que na minha percepção acaba influenciando a organização da graduação, e diria até mais, teve influência na organização da Sociologia escolar a partir dos anos 2000.

Ao mesmo tempo, há outras pesquisas em andamento, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Alguns exemplos incluem: estudos sobre a representação de pessoas negras nos livros didáticos; pesquisas sobre o adoecimento docente; estudos sobre evasão nos cursos de licenciatura; investigações sobre gênero e o ensino da sociologia; análises da reforma do ensino médio, incluindo a educação técnica; e a investigação das dificuldades de trabalhar a temática de gênero nas escolas a partir de entrevistas realizadas.

Essas pesquisas exigem um acompanhamento constante. Faço reuniões quinzenais, alternando entre graduação e pós-graduação, para discutir questões metodológicas. Entre os pontos trabalhados estão: como formular e delimitar um problema de pesquisa; definir objetivos e justificativas; utilizar inteligências artificiais a favor da pesquisa; preparar projetos para comitês de ética; realizar revisão de literatura e levantamento do estado da arte; organizar o trabalho em termos metodológicos e teóricos; e estruturar resenhas acadêmicas. Muitas vezes os estudantes chegam sem experiência prática, e esse acompanhamento é fundamental para orientá-los e ajudá-los a construir trabalhos consistentes e rigorosos.

Acredito que também aprendemos muito observando áreas que já estão mais consolidadas. Muitas vezes, sinto curiosidade e vou atrás de novas questões ou abordagens. A ciência, de fato, se desenvolve a partir de perguntas que ainda não foram respondidas. E isso é um ponto simples, mas fundamental: o primeiro passo é identificar se a pergunta que você deseja investigar já foi respondida ou não. Para isso, é imprescindível conhecer bem a literatura da área. Não há como escapar dessa etapa; não é possível construir um projeto de pesquisa consistente sem um sólido entendimento do que já foi estudado dentro da temática escolhida.

Então, o primeiro passo é definir a sua pergunta: “Olha, eu quero responder isso, meu problema de pesquisa é esse.” Às vezes, observar como outras áreas constroem seus problemas de pesquisa ajuda a desenhar melhor o seu próprio problema. É um exercício que fazemos muito nesses encontros, compartilhando dificuldades e aprendendo coletivamente.

Trabalho bastante a ideia de que não existe vaidade nesse processo. Não adianta achar que alguém nunca errou. Também é importante quebrar expectativas exageradas. Muitas pessoas travam porque querem que a pesquisa seja perfeita ou revolucionária. Não é o caso. O objetivo de um TCC, de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado não é mudar o mundo imediatamente, mas aprender as etapas do processo de pesquisa, entender o passo a passo de um projeto científico e desenvolver autonomia na construção e execução do trabalho.

Acho que esse trabalho coletivo com os orientandos e orientandas é muito importante e traz resultados positivos também para mim, não apenas porque eles entregam os trabalhos no prazo, mas porque me permite ter uma visão mais ampla de todo o processo. Já tive experiências em que dar muita liberdade nas orientações acabou dificultando o avanço das pesquisas, porque algumas pessoas ainda não tinham autonomia para desenvolver um projeto sozinhas. Trazer as discussões para o grupo permite que eles se inspirem no progresso dos colegas, por exemplo, ao ver que um orientando avançou em um capítulo, outro se motiva a escrever mais nos finais de semana. Esse incentivo coletivo ajuda a consolidar disciplina e seguir as “regras do jogo” do trabalho acadêmico. Resumindo, acredito que temos avançado muito na área da educação, tanto na história do ensino da sociologia quanto nas práticas profissionais docentes, mas sem nos limitar a isso, abrindo horizontes para outras questões na interface entre ciências sociais e educação, e no ensino de ciências sociais de forma mais ampla.

FSS & JRO: *Conte-nos um pouco dos cursos e disciplinas que você tem ofertado sistematicamente no Departamento de Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB). Fale-nos também de suas supervisões de pós-doutoramento³ e orientações de teses e dissertações:*

Marcelo Cigales: Eu acompanhei a transição do currículo da Licenciatura atualizado em 2019, e desde então lecionei disciplina como Prática de Ensino, que antes da reforma do currículo era uma única disciplina de estágio. Hoje, essa disciplina foi desmembrada em três: Estágio em Ciências Sociais 1, 2 e 3 cada uma com 135 horas. Dentro das disciplinas optativas, lecionei conteúdos como Sociologia da Educação e ensino de Sociologia. Entre as disciplinas obrigatórias, participei de Introdução à Sociologia, Teoria Sociológica Contemporânea 2 e das disciplinas de orientação de monografias, como Prática de Pesquisa 1 e 2 tanto do TCC do bacharelado quanto da licenciatura.

Na pós-graduação, lecionei Sociologia da Educação, Teoria Sociológica Contemporânea e disciplinas de Seminários de Pesquisa, que envolvem os estudantes em atividades obrigatórias e participativas. Foram muitas disciplinas ministradas, e este ano pretendo repetir algumas e, talvez, focar num grupo mais restrito de disciplinas nas quais eu queira me especializar.

³ Supervisionou pesquisadores/as em estágio de pós-doutoramento na Universidade de Brasília no vasto campo do Ensino de Sociologia, a saber: Cristiano das Neves Bodart, Vinicius Carvalho Lima, Cesar Portantiolo Maia e Sara Esther Zarucki Tabac.

Entretanto, as áreas de Sociologia da Educação, Ensino de Sociologia, História das Ciências Sociais e Estágio continuam sendo aquelas em que procuro me envolver e manter-me atualizado para levar adiante as discussões. Este período, de fato, foi bastante intenso. Assumi, por exemplo, a coordenação de integração das licenciaturas por quatro semestres, um trabalho bastante complexo, pois envolvia coordenar atividades em nível universitário relacionadas ao PIBID, à Residência Pedagógica e aos Estágios obrigatórios da licenciatura na UnB. Isso não se restringia às Ciências Sociais, mas abrangia os 24 cursos de licenciatura da UNB e suas 41 habilitações. Esse trabalho me permitiu conhecer profundamente a gestão universitária e a estrutura da Universidade de Brasília. Após esse período de gestão, assumi a vice-coordenação do Programa de Pós-Graduação, e em breve também a coordenação até agosto de 2027.

Nessa ocasião também me envolvi na supervisão de várias pessoas que fizeram pós-doutorado. A professora Sara Tabac, hoje atuando na Universidade Federal de Alfenas (Unifal), o professor Cristiano Bodart da UFAL, o professor Vinícius Carvalho do IFRJ e o professor Cesar Maia. Todos(as) tiveram pesquisas relacionadas ao ensino de Sociologia, Cristiano e Vinícius numa perspectiva sobre a história da disciplina, Sara sobre formação docente e César sobre ensino de Sociologia em instituições evangélicas no Brasil. É um prazer poder estar em diálogo com pessoas tão qualificadas.

FSS & JRO: *Fale-nos um pouco de suas vivências, trocas e memórias construídas durante o período que atuou como professor-visitante na Universidade de Buenos Aires (Argentina) e na Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha).*

Marcelo Cigales: Eu havia me candidatado a uma bolsa do CAPES Print, uma chamada interna da UnB. Minha candidatura foi com um projeto sobre a história do ensino da Sociologia na América Latina, numa perspectiva comparada entre Brasil e Argentina. Nesse plano, propus realizar um levantamento inicial das pesquisas pós-graduadas sobre a história do ensino da sociologia na Argentina. Com esse projeto aprovado, fui à Universidade de Buenos Aires (UBA), onde fui recebido pelo professor Diego Pereira, pesquisador pioneiro na história do ensino da sociologia na Argentina. Ele havia defendido uma dissertação na década de 1990 sobre a história do ensino da sociologia na UBA e lidera um grupo de pesquisa sobre o tema. Foi uma experiência muito rica de intercâmbio acadêmico e colaboração.

O interessante é que, quando fui à Argentina, eu já tinha algum conhecimento de outros professores e universidades do país. Esse momento foi muito enriquecedor. O levantamento do estado da arte consegui realizar em poucas semanas: pesquisei nas bases e repositórios de teses e dissertações, consultei acervos e, simultaneamente, realizei três entrevistas. A primeira foi com o Diego Pereyra, pesquisador pioneiro na história do ensino da sociologia na Argentina. A segunda, com o professor Isabelino Siede, referência no ensino da sociologia no país; inclusive, a entrevista com ele foi publicada recentemente na revista *Sociological Teaching*. A terceira entrevista foi com Juan Pedro Blois, que pesquisou a história da sociologia na Argentina e escreveu uma tese de doutorado relevante, publicada pela editora da Universidade de Buenos Aires,

traduzida para inglês e alemão. Ele também esteve no Brasil e participou do Congresso Internacional Ensino das Ciências Sociais, organizado em 2023 na UnB.

Aproveitei a oportunidade para circular nos espaços institucionais onde eles atuam: ministrei uma aula na Universidade Nacional de General Sarmiento, onde Juan Pedro Blois é professor de Sociologia; outra aula na Universidade Católica da Argentina, onde Diego Pereyra também é professor e participei de uma banca de especialização de uma orientada na Universidade Nacional de Lanus.

Essa estadia na UBA é muito significativa, porque me permitiu estabelecer redes de contato, conhecer melhor a agenda de pesquisa sobre o ensino da sociologia e a história da sociologia na Argentina, e também compreender melhor como funcionam as universidades argentinas. A realidade é bastante diferente da brasileira: enquanto aqui muitos professores têm dedicação exclusiva, na Argentina predominam as dedicações parciais, o que muda bastante a dinâmica acadêmica.

No retorno ao Brasil permaneci três meses na Universidade Federal de Santa Catarina, avançando na pesquisa financiada pela CAPES e, em seguida, passei mais um mês na Universidade Autônoma de Barcelona, financiado pelo CNPq como professor visitante no projeto coordenado por Amurabi Oliveira.

Na Espanha, atuei principalmente com o professor Antoni Santisteban Fernández, que coordena um Grupo sobre Didática das Ciências Sociais (GREDICS) na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Entre as atividades realizei uma conferência apresentando dados das entrevistas realizadas com professores no Brasil e discuti o conceito de pânico moral em Stanley Cohen. A conferência abordou como o pânico moral adentra a escola e, de certa forma, censura o trabalho docente em Sociologia, especialmente ao tratar de gênero e sexualidade, analisando como os professores reagem a essas pressões.

Utilizei esse conceito para analisar o ensino de gênero e sexualidade durante o governo Bolsonaro, observando como os movimentos sociais e políticas públicas produziram pânico moral. Nesse contexto, os estudantes eram tratados como a vítima ideal, os professores como o agressor ideal, e o consenso social moldava as respostas e limitações ao trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidade nas escolas.

É importante destacar que os três primeiros meses foram financiados pela CAPES e o último mês pelo CNPq. Essa pesquisa deve gerar resultados relevantes para a internacionalização das atividades do grupo de pesquisa que coordeno. Temos buscado avançar nesse diálogo com autores e autoras de outros países, produzir projetos e garantir financiamento, o que é essencial para cumprir o objetivo de internacionalizar nossa área.

***FSS & JRO:** Noutras áreas como a geografia e até mesmo na história, muitos professores universitários já consagrados atuam na coordenação e produção de livros didáticos, algo ainda pouco comum na sociologia. Em sua opinião, a que se deve isto? Qual seria, portanto, os rumos da Sociologia no Ensino Médio frente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio? Você tem atuado na formação inicial e*

continuada de professores de Sociologia na universidade, você considera que nossas graduações em Ciências Sociais estão cada vez mais bacharelantes?

Marcelo Cigales: São perguntas muito interessantes, três ao todo. Vou tentar responder por partes. A primeira é sobre os livros didáticos e a aparente ausência de autores consagrados ou mais conhecidos na área produzindo esses materiais. Bom, temos alguns casos, como Helena Bomeny, que é uma autora relevante nas Ciências Sociais e está vinculada à instituição central. Ela possui livro didático aprovado no PNLD, o que, nesse caso, foge um pouco à exceção.

De modo geral, porém, os outros materiais não são de autores tão conhecidos; normalmente, são produzidos por pesquisadores que estão mais na periferia do campo acadêmico brasileiro. Acho que isso é uma característica interessante para refletirmos, porque mostra como a produção de livros didáticos se organiza e quem consegue visibilidade nesse campo. Produzir um livro didático não necessariamente traz capital científico no campo acadêmico. Futuramente, se considerarmos os termos bourdieusianos e refletirmos sobre o campo do ensino da sociologia, produzir livros didáticos poderia passar a ser entendido como capital científico dentro desse campo específico embora, no campo mais amplo da sociologia, isso ainda não ocorra, pois não é reconhecido e valorizado como capital científico. No entanto, se olharmos pelas lógicas de produção do campo do ensino da Sociologia, alguns autores defendem a existência desse campo específico.

O recente livro de Amurabi Oliveira, publicado em 2023, trata o campo do ensino da sociologia no Brasil como um campo em processo de autonomização, analisando sua gênese, seus agentes e as disputas internas. Ele argumenta que, se considerarmos que esse campo tem regras próprias, capazes de ressignificar regras externas, e que conta com agentes e disputas características de um campo social, então o livro didático pode começar a ser entendido como capital científico dentro do ensino da sociologia. Mais do que capital econômico, ou seja, mais do que um recurso econômico ele também pode conferir prestígio e reconhecimento dentro da hierarquia dos agentes que atuam nesse espaço.

É importante considerar o fator temporal: a sociologia entrou no PNLD apenas em 2012, diferentemente da geografia ou da história, que já têm uma longa tradição na produção de livros didáticos. Exemplos de livros consagrados em outras áreas ilustram essa diferença: Marilena Chauí, no campo da filosofia, publicou manuais como *Filosofia*, pela editora Brasiliense, enquanto Carlos Benedito Martins lançou *O que é Sociologia* na coleção Primeiros Passos, mostrando que a produção e consolidação de livros didáticos em Sociologia ainda está em processo.

Claro que aquele livro não é propriamente um livro didático, mas acredito que não houve interesse dos agentes do campo da sociologia em investir em materiais didáticos. O jogo, historicamente, foi jogado muito mais pelo capital científico, o que gerou um desinteresse prolongado pelos manuais e livros didáticos dentro do campo mais amplo da sociologia. Essa é a minha leitura sobre o tema.

Quanto aos rumos da Sociologia após a BNCC, o cenário profissional melhorou significativamente entre a obrigatoriedade da lei de 2008 e a reforma do ensino médio.

No entanto, mesmo com essa melhora, ainda não é suficiente para que estejamos plenamente satisfeitos. Explico melhor: em 2010-2013, logo após a aprovação da lei de 2008, os dados do Censo Escolar, sistematizados por Bodart e Sampaio-Silva (2019) mostravam que havia aproximadamente 55 mil professores de sociologia, sendo que apenas 11% eram formados em Ciências Sociais, a pior relação entre formação e atuação entre todas as disciplinas. Passados vários anos, esse percentual subiu gradualmente, chegando a quase 40%, mantendo-se nesse patamar desde então.

A Sociologia é a disciplina com a pior relação entre formação do docente e atuação na disciplina correspondente a sua formação no ensino médio. Ou seja, muitos professores de outras áreas, historiadores, geógrafos, filósofos, matemáticos, profissionais de educação física acabam dando aula de Sociologia. Isso significa que há professores formados em Ciências Sociais que lecionam disciplinas distintas da sua formação também.

Apesar disso, há um aspecto positivo: o período de obrigatoriedade deu tempo para a área se organizar e ocupar espaço na escola, e esse espaço parece se manter. Por exemplo, a experiência do livro didático por área não deu certo. O novo PNLN de 2026, retorna aos livros disciplinares, o que indica que a Sociologia continua presente na escola e mantém seu espaço disciplinar, assim como a Filosofia, a Geografia e a História.

A BNCC trouxe a ideia de que a disciplina em si não importa tanto quanto os objetivos do conhecimento. O conhecimento é estruturado por área, mas existem resistências, porque o currículo é implementado na escola, e dependendo dos agentes presentes, temos diferentes configurações: algumas positivas, outras nem tanto, no que diz respeito à sociologia escolar. Um ponto interessante é que, nas últimas décadas, o Estado, a sociedade civil e movimentos acadêmicos têm olhado cada vez mais para a formação de professores, questionando a qualidade do modelo atual e enfatizando a necessidade de melhorias.

Acredito que tivemos avanços significativos ao longo dos últimos anos. Um marco fundamental foi o Parecer CNE nº 101/2002⁴, que definiu a obrigatoriedade de 400 horas para a formação inicial de professores, consolidando parâmetros mínimos para a profissionalização das licenciaturas. Esse parecer representou um divisor de águas ao estabelecer diretrizes mais precisas sobre a articulação entre teoria e prática. Desde então, novas normativas têm buscado aperfeiçoar e regulamentar o processo formativo, reforçando a necessidade de que o estágio ocorra em ambiente escolar e seja acompanhado por professores e supervisores qualificados. Hoje, há um consenso mais consolidado sobre esses princípios. No entanto, a efetiva implementação dessas diretrizes ainda depende fortemente do contexto institucional e das condições concretas de cada curso. Apesar dos desafios, considero positivo o fato de que o país tem avançado na construção de um conjunto mais consistente de mecanismos de regulação e de responsabilização das instituições pela qualidade da formação docente.

⁴ Parecer disponível em https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=159251-rcp002-02&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em outubro de 2025

Dois exemplos são claros. O ENADE para licenciaturas foi criado e agora está sendo estruturado como a Prova Nacional Docente (PND), que pode ser utilizada por municípios e estados como critério para contratação de professores. No caso da sociologia, essa ferramenta tende a ser mais relevante para os estados, que frequentemente precisam abrir concursos para suprir a demanda de docentes. Assim, o ENADE pode se tornar um instrumento interessante para apoiar a contratação de professores. Isso, conseqüentemente, gera reações nos cursos. Os estudantes começam a se mobilizar, assim como os próprios professores que atuam nas licenciaturas, buscando que esse espaço profissional possa estar atendo a esses conhecimentos (teórico, pedagógicos e profissionais) de forma mais atenta.

Teoricamente, podemos discutir que, muitas vezes, as licenciaturas ainda não atuam completamente segundo suas próprias diretrizes; elas acabam seguindo, em parte, as regras do bacharelado, que é mais voltado para o debate teórico e de acúmulo de conhecimentos. Não que a teoria e a pesquisa não sejam fundamentais na formação docente, elas são a base, mas a formação não pode se limitar a isso. Acho que precisamos aprimorar a relação entre teoria e prática, aproximando a formação docente da realidade da escola de maneira mais efetiva.

Penso que o Estado tem olhado cada vez mais para a formação de professores, motivado pelos dados que indicam que a profissão está em crise, prevendo inclusive um possível apagão docente. Esse olhar busca criar regras próprias, aumentar investimentos e tornar a carreira mais atrativa. No entanto, não acredito que políticas compensatórias a curto prazo sejam suficientes. Embora possam reter profissionais momentaneamente, sem uma reestruturação da carreira docente, não resolvem o problema a longo prazo. Dito isso, acho que avançamos em direção a uma maior autonomia em relação às próprias regras que definem a formação docente, ainda que permeado por vários interesses dos grandes grupos empresariais que encaram a educação como uma commodity.

FSS & JRO: Professor, atualmente existem um número razoável e crescente de mestrados profissionais no Brasil. Em 2016 foi aprovada a proposta de criação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio)⁵ destinado a formação continuada para os professores de Sociologia coordenada pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) com 8 instituições associadas cuja área de concentração em “Ensino de Sociologia”, foi ao longo dos anos, ao que parece propositalmente relegada aos Programas de Pós-Graduação em Educação. Lembro-me de um outro artigo seu em

⁵ Sob a coordenação da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), atualmente o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) acontece nas seguintes instituições associadas, a saber: Universidade Estadual de Londrina ([UEL](#)), Universidade Estadual do Vale do Acaraú ([UVA/Sobral](#)), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho ([UNESP/Marília](#)), Universidade Federal de Campina Grande ([UFCEG/CG](#)), Universidade Federal de Campina Grande ([UFCEG/Sumé](#)), Universidade Federal do Ceará ([UFC](#)), Universidade Federal do Paraná ([UFPR](#)), Universidade Federal do Vale do São Francisco ([UNIVASF/Juazeiro](#)), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte ([UERN/Mossoró](#)), Universidade Federal do Amapá ([UNIFAP](#)), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará ([UNIFESSPA](#)) e Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul ([UEMS/Paranaíba](#)), Universidade do Estado do Mato Grosso ([UNEMAT/Sinop](#)), Universidade Federal de Juiz de Fora ([UFJF](#)) e Universidade Federal de Uberlândia ([UFU](#)).

parceria com o Prof. Cristiano Bodart, publicado na Revista de Ciências Sociais da UFC, em 2017, com o título Ensino de Sociologia no Brasil (1993-2015): Um Estado da Arte na Pós-Graduação, que apresenta dentre outras questões um panorama do Ensino de Sociologia na pós-graduação brasileira que apontou dentre outras questões um paulatino crescimento da temática nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, antes comum nos Programas de Pós-Graduação em Educação. Dito isto, qual tem sido o lugar do ensino da sociologia na pós-graduação brasileira? A que você atribui o fato de que muitas universidades ainda se mantenham tão relutantes em aderir ao ProfSocio?

Marcelo Cigales: Bom, eu gosto de uma reflexão que o Amurabi Oliveira faz no livro *O Campo do Ensino da Sociologia no Brasil*. Inclusive, ele está disponível em PDF de forma gratuita no site da editora Café com Sociologia. O Amurabi observa que o ensino da sociologia, enquanto objeto de pesquisa, parte principalmente da periferia acadêmica das ciências sociais brasileiras. Ou seja, quando analisamos quem publica mais teses e dissertações sobre o tema, geralmente não são as instituições centrais como USP, UNICAMP, UFRJ ou UnB, mas sim instituições localizadas na periferia ou semiperiferia do campo acadêmico brasileiro.

A crítica é fundamental, pois evidencia uma dinâmica de poder e foco na academia brasileira: o protagonismo na formação de professores em termos profissionais tem emergido, primariamente, em instituições acadêmicas periféricas ou semiperiféricas. Nesses espaços, há um engajamento maior em traduzir a teoria em prática pedagógica efetiva. Em contraste, nas instituições centrais (historicamente mais bem financiadas, antigas e estruturadas, como USP e Unicamp), ainda persiste a concepção de que a formação docente se esgota na abordagem puramente teórica.

Essa postura pode ser atribuída à própria distância da escola e do cotidiano da Educação Básica por parte de quem atua na formação, limitando o protagonismo dessas instituições no campo de pesquisa mais aplicado. Contudo, é crucial reconhecer que o debate não ficou restrito à periferia; houve uma significativa capilarização do tema. As primeiras teses sobre o ensino de Sociologia surgiram em universidades centrais (USP nos anos 2000, seguida por Unicamp, UFRJ, UnB, UFRGS, UFSC e UFPR), e hoje praticamente todas essas grandes universidades possuem produção acadêmica na área. O desafio, portanto, reside em transformar essa produção teórica consolidada em um protagonismo profissionalizante e pedagógico mais evidente nas instituições centrais, equiparando-se ao engajamento já demonstrado pelas instituições periféricas.

O ProfSocio é interessante porque também realoca o Nordeste na posição de destaque no número de trabalhos pós-graduados concluídos no Brasil, conforme uma pesquisa recentemente publicada (Cigales, Bodart, 2025), e já se percebe a força do ProfSocio em mostrar que o Nordeste hoje ocupa a segunda posição entre as regiões que mais publicam pesquisas sobre ensino da sociologia. Ainda existe a centralidade do Sudeste.

Então, a força do ProfSocio como agente desse espaço está justamente em liderar e colocar o espaço da escola como objeto de pesquisa. Acho importante destacar que o ProfSocio não pesquisa apenas o ensino de Sociologia; isso é, na verdade, uma hipótese que ainda precisamos testar. Eles também pesquisam violência, sociologia da educação,

juventude e, dentro desse conjunto, incluem o ensino de sociologia. Aqui entra uma crítica que faço ao próprio trabalho que publicamos sobre o estado da arte: precisamos ir além da contagem quantitativa dos trabalhos. Já temos uma ótima visualização quantitativa, mas o próximo passo é analisar detalhadamente esses trabalhos e verificar quais referências estão sendo mobilizadas, que tipo de pesquisa está sendo realizada, se é empírica ou teórica, onde foram feitos os levantamentos de dados.

Isso demanda mais tempo e mais pessoas, porque o volume de trabalhos é grande. Até 2021, último ano para o qual atualizamos os dados do artigo, tínhamos exatamente 385 trabalhos considerando o ProfSocio. Eu me arriscaria a dizer que, em 2025, já ultrapassamos 500 pesquisas pós-graduadas. É, portanto, um material muito rico para pensarmos o ensino da sociologia no Brasil.

Além disso, a internacionalização é uma agenda que tem se colocado no horizonte nos últimos anos. É preciso olhar além das fronteiras nacionais: o que está sendo discutido sobre ensino de sociologia na Argentina? Na Índia, onde a Sociologia faz parte do ensino médio? Na China que tem Ciência Política no currículo escolar?

***FSS & JRO:** No dia 02 de junho de 2008, foi sancionada a Lei nº 11.684 que incluiu a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio, cujo ponto central é a formação de cidadãos críticos e capazes de interpretar o mundo, tornando-se sujeitos ativos em prol do melhor desenvolvimento da sociedade. A reintrodução da Sociologia como componente curricular obrigatório no Ensino Médio, ainda é muito recente, embora tenha feito parte, mesmo temporariamente, em décadas anteriores e sob diferentes perspectivas. Destarte, quais seriam os caminhos propícios à afirmação e consolidação da disciplina no currículo da Educação Básica sem correr o risco de novas rupturas? Em que medida a criação de entidades como Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), em 1935 e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) fundada em 1977 e da Federação Nacional dos Sociólogos (FNS) em 1989, arregimentaram esforços que culminaram na Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008?*

Marcelo Cigales: A reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, sancionada pela Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, constitui um marco epistemológico e político no processo de institucionalização do ensino das Ciências Sociais na Educação Básica brasileira. Tal medida, embora recente, insere-se em um *continuum* histórico de tentativas de consolidação da Sociologia escolar, que perpassam diferentes regimes educacionais e conjunturas sociopolíticas, desde experiências temporárias em décadas anteriores até os debates contemporâneos sobre formação cidadã crítica.

Para a efetiva consolidação da disciplina, é imprescindível compreender que sua afirmação não se restringe à formalização legal, mas demanda a articulação de múltiplos elementos estruturais e culturais. No plano docente, destaca-se a necessidade de assegurar a correlação entre formação acadêmica e atuação profissional. Como evidenciam pesquisas recentes, inclusive discutidas em alguns dos meus trabalhos, ainda persiste um déficit significativo de professores formados em Ciências Sociais que

atuam na Sociologia escolar, fenômeno que historicamente caracteriza esta disciplina como a mais vulnerável à precarização pedagógica e à descontinuidade curricular. A implementação de instrumentos normativos, como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e as diretrizes nacionais para estágios supervisionados, oferece possibilidades de regulamentação e de consolidação da qualidade docente, articulando teoria e prática pedagógica de maneira mais robusta.

Do ponto de vista acadêmico, a consolidação da Sociologia escolar também depende do reconhecimento do capital científico próprio do campo do ensino da Sociologia. O capital científico do campo mais amplo das Ciências Sociais não valorizava a produção de materiais didáticos e a pesquisa sobre ensino, relegando o ensino da Sociologia à periferia acadêmica. A constituição de redes de pesquisa estruturadas, como o ProfSocio, e a sistematização da produção empírica e teórica sobre ensino da Sociologia contribuem para legitimar a disciplina como objeto de investigação científica, ampliando sua visibilidade institucional e favorecendo a formulação de políticas educacionais duradouras.

Historicamente, as entidades institucionais desempenharam papel decisivo nesse processo de consolidação. A Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS, 1935), a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS, 1977) e a Federação Nacional dos Sociólogos (FNS, 1989) constituíram espaços de articulação e mediação entre a produção científica, a formação docente e a esfera política. Por meio dessas organizações, foram mobilizados recursos intelectuais e sociais que permitiram a sistematização de dados sobre a formação de professores, o desenvolvimento de reflexões teóricas sobre o currículo e a promoção e defesa junto a legisladores e órgãos regulatórios.

Tal articulação culminou na aprovação da Lei nº 11.684, evidenciando que a consolidação da Sociologia escolar dependeu, e continua dependendo, de um capital institucional coletivo capaz de resistir às vicissitudes político-administrativas. Além disso, a sustentabilidade do ensino da Sociologia exige atenção à própria natureza dinâmica do currículo escolar. O espaço disciplinar deve ser continuamente legitimado por meio da produção científica, do desenvolvimento de políticas públicas consistentes e da articulação com a sociedade civil, garantindo que a disciplina se afirme não apenas como um requisito formal, mas como um vetor de formação de cidadãos críticos, aptos a compreender e intervir no mundo social.

A consolidação da Sociologia, portanto, exige a articulação dialética entre pesquisa, prática docente e regulação institucional, configurando-se como um empreendimento histórico e epistemológico em constante movimento, cujas bases foram erigidas por décadas de esforços das entidades acadêmicas e profissionais do campo.

FSS & JRO: Destarte, fale-nos um pouco do Ensino de Sociologia enquanto campo de pesquisa. E como tem visto a produção sociológica hoje no Brasil? Somado a isto, quais são, a seu ver, os (di)lemas e desafios enfrentados pelos/as sociólogos/as no século XXI?

Marcelo Cigales: Eu acho que existem vários dilemas, e vou apontar no máximo dois aqui para finalizarmos a entrevista. Um dilema que hoje está muito presente é a questão

do “fim do mundo”. Esse tema tem sido amplamente discutido, seja em eventos regionais, nacionais ou internacionais, e diz respeito a como lidamos com os dilemas da modernidade. Alguns autores se referem a isso como a “geração do fim do mundo”, e o problema se agrava porque, se a sociedade encara esse cenário como inevitável, a sensação de impotência se espalha. Esse é um desafio importante para as novas gerações: acreditar em um futuro possível, e não apenas se resignar ao fim do mundo. Como ressalta o professor Antoni Santisteban Fernández, muitos sociólogos apontam o caos do mundo contemporâneo, mas a questão é como ensinar a refletir sobre isso e agir de forma consciente e crítica.

O outro dilema é epistemológico. Diz respeito à compreensão de que a Europa dos séculos XVIII e XIX, e a sociologia clássica produzida por autores que foram consagrados naquele momento: Marx, Durkheim, Weber, Simmel e outros, não explicam tudo. Esses autores não dão conta da pluralidade de experiências, da subjetividade e de outras formas de viver e pensar o mundo. Esse dilema tem surgido com força e nos leva a repensar a sociologia a partir de múltiplas perspectivas, não se limitando ao que convencionalmente chamamos de Norte Global. Há também uma preocupação internacional sobre essa questão, e vejo isso como uma oportunidade para pensar o mundo a partir das nossas experiências. É fundamental que o Brasil participe ativamente desse cenário global, debatendo os diversos aspectos que movimentam a agenda da sociologia internacional. Precisamos ocupar esses espaços, porque eles nos oferecem condições propícias para fortalecer a pesquisa, a formação docente e a produção de conhecimento no país.

FSS & JRO: *Professor Marcelo Cigales, agradecemos por nos receber em sua oficina de práxis e imaginação sociológica para trilharmos por entre os caminhos da História das Ciências Sociais e Ensino de Sociologia no Brasil. Obrigado!*

Marcelo Cigales: Muito obrigado. Foi um prazer conversar com vocês, e espero que possamos ter outros encontros para trocar experiências, compartilhar ideias e refletir juntos sobre essas questões. Agradeço pelo tempo e por me ouvirem.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Sayonara Leal; CIGALES, Marcelo (org.). *Temáticas do ensino de Sociologia na escola brasileira*. 1. ed. Campinas: Pontes Editora, 2022.

BADANELLI, Ana; CIGALES, Marcelo (org.). *Dossiê Ensino de Sociologia*. Revista *Em Tese*, 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2015.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo. Apresentação do dossiê especial História do Ensino de Sociologia. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, p. 2-7, 2015.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo. Ensino de Sociologia no Brasil (1993-2015): um estado da arte na pós-graduação. *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, v. 48, p. 256-281, 2017.

BODART, Cristiano das Neves; MARTINACHE, Igor; CIGALES, Marcelo; PEREIRA, Thiago Igrassia (org.). *Dossiê Sociologia, currículo e ensino: debates e desafios no Brasil e na França*. 1. ed. Maceió: Latitude, 2021.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia no século XIX: experiências no estado do Amazonas, 1890-1900. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 28, p. 123-145, 2021.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo; OLIVEIRA, A. P. La réforme du lycée en cours au Brésil. *La Pensée* (Paris), n. 420, p. 25-36, 2024.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo (org.). *Dossiê História do Ensino de Sociologia*. 1. ed. Piúma: Café com Sociologia, 2015.

BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano; CIGALES, Marcelo (org.). *Dicionário do ensino de Sociologia*. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020.

BRUNETTA, Antonio Alberto; CIGALES, Marcelo. Dossiês sobre ensino de Sociologia no Brasil (2007-2015): temáticas e autores(as). *Latitude*, v. 12, p. 171, 2019.

CIGALES, Marcelo Pinheiro; BODART, Cristiano. Debates em torno da história do ensino de Sociologia no Brasil. In: GONÇALVES, Danyelle Nilin; MOCELIN, Daniel Gustavo; MEIRELLES, Mauro (org.). *Rumos da Sociologia no Ensino Médio*. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2016. v. 1, p. 23-42.

CIGALES, Marcelo. A autonomização do campo do ensino de Sociologia no Brasil. *Pró-Posições*, v. 35, p. 1-7, 2024.

CIGALES, Marcelo. Dilemas da Sociologia no Brasil: análise sobre os manuais escolares de Amaral Fontoura e Fernando de Azevedo. *Alabastro*, v. 2, p. 65-78, 2014.

CIGALES, Marcelo. Educational policies in authoritarian regimes: an international research agenda. *Paedagogica Historica*, p. 1-3, 2018.

CIGALES, Marcelo. Ensino da Sociologia católica no Brasil: uma análise do Programa de Sociologia de Amaral Fontoura (1940). *Temas Sociológicos*, v. 1, p. 51-80, 2024.

CIGALES, Marcelo. Ensino de Sociologia na UFRGS: entrevista com Luiza Helena Pereira. *Revista Café com Sociologia*, v. 5, p. 169-185, 2016.

CIGALES, Marcelo. Ideias pedagógicas de uma Sociologia cristã? Notas sobre um compêndio de Sociologia da década de 1940. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 14, p. 284-296, 2015.

CIGALES, Marcelo; MARTINS, Lucinéia Scremin (org.). *Dossiê Ensino de Ciências Sociais – Volume I*. 1. ed. Florianópolis: Revista *Em Debate* (UFSC), 2015.

CIGALES, Marcelo. Más allá del texto: autores, redes de saber y formación de lectores. *Historia y Memoria de la Educación*, p. 769-778, 2018.

CIGALES, Marcelo. O ensino da Sociologia no Brasil: perspectiva de análise a partir da história das disciplinas escolares. *Café com Sociologia*, v. 3, p. 49-67, 2014.

CIGALES, Marcelo. *O ensino de Ciências Sociais em perspectiva internacional*. Maceió: Café com Sociologia, 2025.

CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia e a escola democrática: desafios e possibilidades. *Pós: Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, v. 17, p. 73-85, 2022.

CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia frente aos desafios da sociedade do risco. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 4, p. 5-12, 2020.

CIGALES, Marcelo; OLIVEIRA, A. P. La sociología católica en Brasil através de textos escolares. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 83, p. 157-184, 2021.

CIGALES, Marcelo. Quem forma os professores de Sociologia da educação básica? Uma análise sobre a formação e atuação do corpo docente no curso de Ciências Sociais/UFPEL. *Inter-Legere*, v. 1, p. 179-201, 2013.

CIGALES, Marcelo. Raymond Murray e a Sociologia Católica no Brasil: notas sobre um manual da década de 1940. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, p. 110-122, 2015.

CIGALES, Marcelo. Um debate sobre o ensino de Sociologia no extremo sul do Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 20, p. 363-367, 2015.

CIGALES, Marcelo. Why teach Sociology? Processes of legitimizing the teaching of Sociology in Brazil. *Sociological Teaching*, v. 2, p. 5-10, 2023.

CIGALES, Marcelo. *A Sociologia Católica no Brasil: análise sobre os manuais escolares (1920-1940)*. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CIGALES, Marcelo; BADANELLI, Ana (org.). *Dossiê: questões metodológicas em manualística*. Maringá: *Revista Brasileira de História da Educação*, 2020.

CIGALES, Marcelo; BARBOSA, I. I. Educação, crítica decolonial e ensino de Sociologia: entrevista com Adelia Miglievich-Ribeiro. *CABES*, v. 2, p. 146-156, 2018.

CIGALES, Marcelo; BODART, Cristiano (org.). *Dossiê: ensino de Sociologia no Brasil*. Belo Horizonte; Florianópolis: *Pensar a Educação em Revista*, 2020.

CIGALES, Marcelo; FONSECA, L. Habitus docente em Sociologia: elementos pertinentes da leitura sociológica. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 58, p. 97-109, 2022.

CIGALES, Marcelo; GREINERT, D. O debate sobre o currículo de Ciências Sociais: da Lei 11.684/2008 à BNCC de 2018. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, p. 235-250, 2020.

CIGALES, Marcelo; LIMA, J. C. A pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil: entrevista com Jacob Lima. *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, v. 52, p. 251-269, 2021.

CIGALES, Marcelo; MEUCCI, S. História, políticas educacionais e desafios para o ensino de Sociologia no Brasil: entrevista com Simone Meucci. *Em Tese*, v. 12, p. 204-218, 2015.

CIGALES, Marcelo; PEREIRA, Rosana da Silva; SANTOS FILHO, Miguel dos (org.). *Dossiê: ensino de Sociologia no Brasil (vol. 2): metodologias de ensino e formação docente*. Brasília: Pós: Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UnB, 2024.

CIGALES, Marcelo; PORTELA, Cristiane de Assis (org.); ROSA, Bibiana Soyaux de Almeida; LIMA, Gabriela Almeida (org.). *Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do PIBID História e Sociologia UnB 2020-2022*. Brasília: Selo Caliandra, 2022.

CIGALES, Marcelo; SANTOS FILHO, Miguel dos; PEREIRA, Rosana da Silva (org.). *Dossiê: ensino de Sociologia no Brasil (vol. 1)*. Brasília: Pós: Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2023.

CIGALES, Marcelo; SANTOS, E. C.; MARTINS, C. B. Teaching Sociology in Brazil: an interview with Carlos Benedito Martins. *Sociological Teaching*, v. 1, p. 50-62, 2024.

CIGALES, Marcelo; BODART, Cristiano. Por uma história do ensino da Sociologia: diálogos entre Brasil e Argentina: entrevista com Diego Pereyra. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, p. 156-169, 2015.

CIGALES, Marcelo; BODART, Cristiano. O que ler sobre o ensino de Sociologia no Brasil? *Pensar a Educação em Revista*, v. 5, p. 1-15, 2020.

CIGALES, Marcelo; SCREMIN, Lucinéia (org.). *Dossiê: ensino de Ciências Sociais, v. II*. Florianópolis: *Revista Em Debate*, 2015.

CIGALES, Marcelo; MARTINS, L. S. A Sociologia como objeto de pesquisa e ensino: introdução ao dossiê Ensino de Ciências Sociais. *Em Debate (UFSC)*, p. 2-11, 2016.

CIGALES, Marcelo; OLIVEIRA, A. P. Aspectos metodológicos na análise de manuais escolares: uma perspectiva relacional. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 20, p. 1-18, 2020.

CIGALES, Marcelo; SILVEIRA, T. G. Sociologia crítica da educação: olhares cosmopolitas. *Em Tese*, v. 15, p. 334-340, 2018.

DANTAS, M. I. C. S.; CIGALES, Marcelo. Usos do livro didático de Sociologia no Distrito Federal. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS)*, v. 5, p. 65-88, 2021.

ENGERROFF, A. M. B.; CIGALES, Marcelo; THOLL, J. Quem conta a história do ensino de Sociologia no Brasil? Um estudo bibliométrico. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS)*, v. 2, p. 65-87, 2017.

LIMA, V. C.; CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia na escola secundária, de Costa Pinto e notas contextuais. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS)*, v. 7, p. 143-164, 2023.

MARTINS, L. S.; CIGALES, Marcelo. As vicissitudes do ensino de Ciências Sociais no Brasil: introdução ao dossiê Ensino de Ciências Sociais. *Em Debate*, p. 2-12, 2016.

OLIVEIRA, A. P.; CIGALES, Marcelo. A pesquisa como princípio pedagógico no ensino de Sociologia: uma análise a partir dos livros selecionados no PNLD 2015. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 51, p. 279-289, 2015.

OLIVEIRA, A. P.; CIGALES, Marcelo; ENGERROFF, A. M. B. Disputas e concepções de Sociologia no campo educacional brasileiro: Fernando de Azevedo e Alceu Amoroso Lima. *Perspectiva (UFSC)*, v. 1, p. 1-18, 2021.

OLIVEIRA, Amurabi; CIGALES, Marcelo (org.). *Dossiê Ciências Sociais na Pós-graduação*. *Revista Ciências Sociais*. Fortaleza: UFC, 2021.

OLIVEIRA, Amurabi; ENGERROFF, Ana Martina Baron; GREINERT, Diego; CIGALES, Marcelo (org.). *Conquistas e resistências do ensino de Sociologia: ENESEB 2019*. Maceió: Café com Sociologia, 2021.

PAZ, M. P. L.; SANTOS, E. C.; CIGALES, Marcelo. A escolha dos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD 2021 no Distrito Federal. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS)*, v. 6, p. 176-198, 2022.

PILATI, Eloisa; CIGALES, Marcelo (org.). *As licenciaturas na Universidade de Brasília: avanços, desafios e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília, 2023.